



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS AGRÁRIAS

PALOMA JESUS DE OLIVEIRA

**PRÁTICAS DE LEITURA NAS ESCOLAS DO CAMPO:
UM OLHAR PARA O COLÉGIO DR. REINALDO BARRETO ROSA, COMUNIDADE
DE PETIM, CASTRO ALVES/BA**

AMARGOSA

2019

PALOMA JESUS DE OLIVEIRA

**PRÁTICAS DE LEITURA NAS ESCOLAS DO CAMPO:
UM OLHAR PARA O COLÉGIO DR. REINALDO BARRETO ROSA, COMUNIDADE
DE PETIM, CASTRO ALVES/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao Centro de Formação de Professores - CFP da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

Orientadora: Prof.Ma. Nanci Rodrigues Orrico.

AMARGOSA

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS AGRÁRIAS

COMISSÃO PARECERISTA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE PALOMA
JESUS DE OLIVEIRA

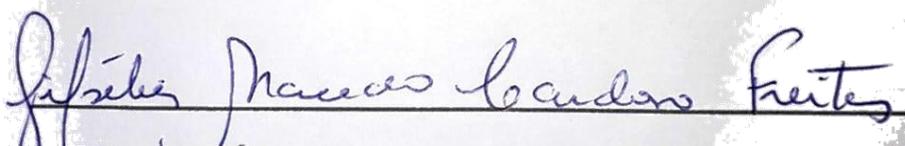


Prof. M^a. Nanci Rodrigues Orrico.

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB
ORIENTADORA

Prof. Ms. Hanilton Ribeiro de Souza

Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Prof. Dr^a. Gilsélia Macedo Cardoso Freitas

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO PELO COLEGIADO DO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS
AGRÁRIAS, CONFERINDO O TÍTULO DE LICENCIADA EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO NA ÁREA DO CONHECIMENTO DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS PARA
PALOMA JESUS DE OLIVEIRA.

AGRADECIMENTOS

À Deus, em quem eu creio e tenho fé em suas obras e promessas, e em quem me baseio especialmente para respeitar as escolhas do próximo, inclusive no que diz respeito à religiosidade.

À Prof.Ma. Nanci Rodrigues Orrico, que se disponibilizou para me orientar mesmo diante de muitas tarefas e período de doutorado.

À minha família, em destaque minha mãe e meu pai (*in memória*) que lutaram muito principalmente para possibilitar a meu irmão e a mim uma boa educação familiar e escolar.

Ao meu noivo e futuro marido Danrley Santos que caminhou junto comigo durante o esse período de estudo me auxiliando muito.

Aos Professores do curso de Educação do Campo que souberam fazer das aulas um espaço de troca de conhecimentos.

Aos meus amigos que compartilho sempre momentos ricos de felicidade e que estão ao meu lado sempre para auxiliar, em especial aqueles que a amizade foi construída por conta da universidade.

Aos colegas de classe, alguns que levarei para vida toda como amigos, aqueles com quem compartilhei momentos de muito aprendizagem, troca de conhecimentos e experiências.

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência para Diversidade (Pibid-Diversidade) que foi essencial em minha formação docente.

Ao curso de Licenciatura em Educação do Campo que traz uma proposta diferenciada e baseada na luta popular

Ao colégio Dr. Reinaldo Barreto Rosa por todo o acolhimento durante e Pibid-Diversidade e após o mesmo.

“O autor só escreve metade do livro.
Da outra metade, deve ocupar-se o leitor. ”

Joseph Conrad

RESUMO

OLIVEIRA, Paloma Jesus de. **Práticas de leitura nas escolas do campo: um olhar para o Colégio Dr. Reinaldo Barreto Rosa, comunidade de Petim, Castro Alves/BA.** Orientadora: Nanci Rodrigues Orrico. Amargosa/BA, 2019. Monografia (Graduação em Licenciatura em Educação do Campo Habilitado em Ciências Agrárias) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Centro de Formação de Professores - CFP.

A pesquisa intitulada “Práticas de leitura nas escolas do campo: um olhar para o Colégio Dr. Reinaldo Barreto Rosa, comunidade de Petim, Castro Alves/BA” buscou realizar investigações sobre as práticas de leitura executadas pela instituição com o intuito de incentivar a leitura e formar leitores críticos. Sendo esta uma escola localizada no espaço rural e com todos os seus alunos oriundos do campo, mas que ainda não se encontra inserida nos princípios da Educação do Campo, apesar de já ter tido contato com o tema através de projetos e programas. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi realizado inicialmente um estudo teórico sobre os temas principais Educação do Campo e leitura, além disso também se buscou conhecer dentro do município como se insere a Educação do Campo e se há projetos relacionados à leitura de nível municipal. A metodologia utilizada neste estudo de caso é apresentada de modo que se torne compreensível como se deu sua realização. Após a pesquisa foram realizadas reflexões e discussões entre os dados adquiridos e os conceitos estudados sobre as temáticas e se constatou que, ao analisarmos as atividades de leitura realizadas na escola e a relação existente entre os estudantes, que as atividades e materiais didáticos para se trabalhar a leitura não estão, muitas vezes, favorecendo o interesse deles, porque são textos e materiais que não dialogam com sua realidade de sujeito do campo.

Palavras-chave: Leitura; Formação de leitores; Educação do Campo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: LEITURA E EDUCAÇÃO DO CAMPO	12
1.1. REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO	12
1.2 A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER NAS ESCOLAS DO CAMPO.....	17
1.3. A CONCEPÇÃO DE LEITURA E DE EDUCAÇÃO DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE CASTRO ALVES/BAHIA	26
CAPÍTULO 2:	35
METODOLOGIA DA PESQUISA-CAMINHO DAS PEDRAS.....	35
2.1- SITUANDO A PESQUISA.....	35
2.2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA:	36
2.3 PROCEDIMENTO DA PESQUISA E DA ANÁLISE DE DADOS	38
CAPÍTULO 3: AS PRÁTICAS DE LEITURANO COLÉGIO DR. REINALDO BARRETO ROSA	42
3.1 OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DAS PRÁTICAS	42
3.2 REFLEXÕES A PARTIR DAS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES E GESTORES..	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICES.....	54
APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO 1	54
APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO 2.....	55

INTRODUÇÃO

Diante de uma educação de má qualidade e vinda de forma hierarquizada e descontextualizada nos espaços rurais do país, que é rico em diversidade, foi crescendo a preocupação dos sujeitos do campo e dos movimentos sociais com o ensino para os indivíduos do campo. Após muitas lutas conseguiram promover processos educacionais para a consolidação dos valores, princípios e dos modos de ser e viver daqueles que integram o campo. E foi assim que nasceu a Educação do Campo, construída num espaço de lutas dos movimentos sociais e sindicais do campo. Dentre suas lutas, destaca-se o desejo de um ensino específico para ser oferecido à população rural de acordo com a realidade dos sujeitos que ali vivem e trabalham, respeitando seus modos de ser, de viver, de trabalhar e de existir.

A finalidade da Educação do Campo, portanto, é oferecer uma educação escolar específica associada à produção da vida, do conhecimento e da cultura do campo e desenvolver ações coletivas com a comunidade escolar numa perspectiva de qualificar o processo de ensino e aprendizagem. Entrelaçado a este processo, temos a leitura, que é indispensável na vida de cidadãos, sendo sempre alvo de muitas discussões, já que ler é muito importante para o desenvolvimento do ser humano e da sociedade em si. Consequentemente a Educação do Campo deve lidar com ela de acordo seus princípios.

Com a diversidade cultural existente no país, observamos a dificuldade do trabalho com a leitura e a escrita com essas crianças que possuem realidades diferentes dos alunos da cidade. A leitura faz parte da socialização entre as pessoas e do processo de integração social e que devem ser adequadas às crianças provenientes do campo, com suas características específicas e suas temporalidades, assim como prevê a educação do campo defendida pelos movimentos sociais.

Nesta pesquisa, o tema leitura e Educação do Campo foram relacionados, pois, diante da importância da leitura é preciso, para desenvolver um trabalho eficiente nesta modalidade, que os professores do campo saibam trabalhar com a leitura de forma coerente com os princípios da Educação do Campo. Portanto, a pesquisa pode auxiliar para que os educadores possam refletir sobre o trabalho com a leitura no contexto da Educação do Campo.

A formação de leitores passa a ser um grande desafio, principalmente diante

da realidade camponesa, que sofreu durante anos uma grande negação de direitos, já que o campo era sempre visto como um local de atraso. Com as lutas realizadas por esse povo, a leitura se torna ferramenta importante para reivindicar seus direitos. Portanto o estudo do tema pode impactar sobre o ensino escolar para os camponeses e para os docentes do campo.

Diante disso, julgou-se a relevância do tema para a pesquisa das práticas de leitura na Educação do campo, com um olhar voltado para a realidade do Colégio Municipal Dr. Reinaldo Barreto Rosa, localizado na comunidade de Petim no município de Castro Alves-BA, local escolhido pelo contato com o colégio durante as vivências do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência para Diversidade (Pibid/Diversidade), o que possibilitou, na época, algumas reflexões sobre a leitura neste espaço. E com o estudo diante desta realidade pode-se adquirir mais informações sobre o trabalho da leitura em relação com a Educação do Campo.

O contato já existente com o ambiente escolar possibilitou observações sobre diferentes práticas pedagógicas. A instituição sendo uma escola rural que ainda não tem estabelecido a Educação do campo como conceito a seguir, mas que com a inserção do Pibid/Diversidade e a presença dos bolsistas estudantes de Educação do Campo criou um vínculo com a Universidade, entrando em um processo de transição, pois tudo isso gerou impactos na forma de se trabalhar de acordo com a realidade daquela comunidade. Com isso, surge o questionamento: De que forma a leitura está sendo trabalhada pelos educadores no Colégio Municipal Dr. Reinaldo Barreto Rosa atualmente? Esse será o problema que irá nortear a pesquisa.

Esse estudo foi feito com o objetivo de analisar a relação existente entre os estudantes e a leitura, assim como a realização do trabalho de incentivo feito pelos professores e todo o grupo escolar, além de verificar os tipos de leituras propostas para eles, para analisar se elas estão de fato ajudando a incentivar o hábito de ler diferentes tipos de textos, fazendo os estudantes refletirem a partir da realidade em que eles vivem.

Para alcançarmos o objetivo principal pretende-se realizar ações para este feito como: entrevistar professores e gestores, observar o trabalho realizado pela escola para o incentivo da leitura como projetos, eventos e participação de atividades propostas em sala de aula pelo professor, analisar os tipos de leituras utilizadas pelos professores com os estudantes e se há contextualização dos textos

com a realidade existente, além de refletir se há diálogo existente entre o saber prévio do estudante com as leituras propostas assim como a valorização de suas culturas a partir dos textos.

Diante disso, a monografia foi organizada em capítulos. O primeiro capítulo intitulado como *Leitura na Educação do Campo* é uma pesquisa bibliográfica sobre os temas leitura e Educação do Campo foi subdividido em três seções, onde a primeira apresenta a Educação do Campo, que ainda é desconhecida, até mesmo por pessoas da área educacional, e muitas vezes nem é vista como um direito. Neste tópico apresenta-se também como surgiu a Educação do Campo, conquista de lutas sociais do povo camponês. A segunda discute a importância da leitura para a sociedade e para o sujeito inserido na mesma, situando também a leitura dentro da Educação do campo. E a terceira traz o contexto da Educação do campo e da leitura dentro do município de Castro Alves-Ba. Pela dificuldade em conseguir documentos oficiais foi necessário recorrer a entrevistas.

O segundo capítulo, de teor metodológico, foi intitulado como *Caminho das Pedras* e também foi dividido em três seções para facilitar o entendimento dos métodos, procedimentos e classificação da pesquisa em questão. As seções são: Situando a pesquisa, que apresenta e contextualiza a pesquisa, local onde esta foi realizada. Classificação da pesquisa, que situa a pesquisa dentro dos seus eixos de classificação (Natureza, abordagem, Objetivo e procedimento técnico) E a última seção deste capítulo: Procedimento da pesquisa e da análise de dados, que traz como foi realizada a pesquisa e feita a análise dos dados coletados neste processo, fornecendo o detalhamento da pesquisa e esclarecendo os caminhos que foram percorridos para chegar aos objetivos propostos. Aponta também os instrumentos de pesquisa utilizados e mostra como os dados foram tratados e como foram analisados.

O terceiro capítulo é justamente a apresentação dos resultados obtidos com a pesquisa, juntamente com a análise dos dados coletados, onde foi feita uma discussão e reflexões em cima disso, para que se pudessem chegar em considerações a respeito de todo o estudo e pesquisa realizada.

Pretende-se, então, através desse estudo promover reflexões sobre as práticas de leitura nas escolas do campo, especialmente em uma escola que já teve contato com os princípios e concepções da Educação do Campo, no sentido de provocar uma discussão acerca do tema e suas implicações no processo de

aprendizagem dos estudantes e de construção da cidadania e emancipação dos sujeitos do campo.

CAPÍTULO 1:LEITURA E EDUCAÇÃO DO CAMPO

1.1. REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO

A Educação é estabelecida na Constituição de 1988 no Art. 205¹ como um direito de todos e dever do Estado e da família, havendo também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei 9.394, de 1996), que detalha os direitos e organiza os aspectos gerais do ensino no país, sendo um direito fundamental que ajuda não só no desenvolvimento de um país, mas também de cada indivíduo. Sua relevância vai além do aumento da renda individual ou das chances de se obter um emprego, por meio dela garantimos nosso desenvolvimento social, econômico e cultural.

O acesso à educação de qualidade ainda assegura o cumprimento de outros direitos, sendo assim, vemos a importância de noção dos direitos que podemos fruir para podermos cobrá-los. Desta forma a educação proporciona benefícios para aquele que a alcança e se utiliza dela para desenvolver. E se pensando numa educação de qualidade para a população campesina ela deve contribuir para sua melhora de vida e para isso é necessário ser bem estabelecida.

A educação que hoje se encontra nas regiões rurais do país trata-se de uma educação voltada para o meio urbano, que não leva em consideração as especificidades dos sujeitos destes locais, trazendo grandes prejuízos a essas populações, pois os índices de analfabetismo e abandono escolar são muito mais altos do que nas áreas urbanas, já que estes sujeitos não se identificam com o ensino descontextualizado e de má qualidade, uma vez que o espaço urbano é quem recebe os investimentos de forma mais direta e as sobras são mandadas às regiões mais afastadas do centro. “A formulação de políticas educativas e públicas, em geral, pensa na cidade e nos cidadãos urbanos como o protótipo de sujeitos de direitos. ” (ARROYO, 2007, p.158). Desvalorizando os moradores do campo assim

¹Art. 205- A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

como seus saberes, cultura, modo de vida e produção.

Pensar numa área de formação específica para atender este público é de extrema importância para garantia de direitos já que uma educação voltada à realidade e especificidades das populações rurais é prevista em lei no Art. 28 da lei de Diretrizes e Bases da Educação- Lei 9394/96, texto que diz que “Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região. ”. Mesmo que esta ainda apresente o termo “adaptação” que não é o mais adequado para se referir a uma educação que traz os sujeitos do campo como protagonistas, sendo destinadas a eles dentro de suas especificidades e valorizando seus saberes e culturas e ainda seu trabalho.

A palavra *adaptação*, utilizada repetidas vezes nas políticas e nos ordenamentos legais, reflete que o campo é lembrado como o *outro lugar*, que são lembrados os povos do campo como os outros cidadãos, e que é lembrada a escola e os seus educadores(as) como a outra e os outros. A recomendação mais destacada é: não esquecer os *outros*, adaptando às condições do campo a educação escolar, os currículos e a formação dos profissionais pensados no paradigma urbano. (ARROYO, 2007, p.158-159)

A educação atual presente no campo, denominada como “educação rural”, está de maneira indissociável ao trabalho exercido pelos camponeses com a terra, trabalho este de onde tiram o seu principal sustento sendo às vezes a única fonte de renda da família camponesa, e mesmo assim não é levada em consideração dentro dos espaços de ensino tidos nas comunidades rurais. Nas exceções que surgem algum interesse por parte do Estado em vincular a questão agrícola ao ensino, passa a se formar o trabalhador para o capital, como mão de obra tanto para a indústria quanto para a própria agricultura e que continua a desprezar os saberes já existentes por esses sujeitos. E do ponto de vista capitalista a Educação Rural é a mais adequada para o desenvolvimento do campo, pois ela quem prepara os camponeses para a modernização da agricultura, só que a mesma prevê a eliminação dos camponeses das áreas rurais, que substituem esses sujeitos por máquinas.

Ribeiro (2012) fala sobre a escola criada com a finalidade da formação para o capital: “Compreendida no interior das relações sociais de produção capitalista, a escola, tanto urbana quanto rural, tem suas finalidades, programas, conteúdos e

métodos definidos pelo setor industrial, pelas demandas de formação para o trabalho neste setor, bem como pelas linguagens e costumes a ele ligados. ”

O ruralismo pedagógico – surgido sob a influência dos debates ocorridos nos anos 1930-1940 para a educação rural - trazia proposta para uma educação que não tirassem os camponeses do campo, porém sendo mais uma ideia vinda de cima para baixo, sem o protagonismo dos sujeitos a quem os projetos estavam sendo destinadas. Segundo Ribeiro (2012) esta foi uma concepção, como outras carregadas de “boas intenções”, e que permaneceu apenas no discurso.

Na realidade do ensino do campo, as dificuldades são muitas — falta de estrutura e de recursos nas escolas, alunos repetentes, calendários não adaptados a realidade dos estudantes — e tendo como causas o processo histórico, devido à valorização da indústria em detrimento do espaço rural e a desvalorização de seus moradores, ocasionando consequências como a limitação na vida do homem rural e o insucesso escolar.

A educação é um direito de todos e se realiza por diferentes territórios e práticas sociais que incorporam a diversidade do campo. É, ainda, garantia para ampliar as possibilidades de criação de condições de existência da agricultura familiar/camponesa. A Educação do Campo se destina ao conjunto dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, sejam os camponeses, quilombolas, indígenas, homens e mulheres vinculados à vida e ao trabalho no meio rural.

Segundo Arroyo (2006) apud. Pires, a Educação do Campo é uma forma de reconhecimento dos direitos das pessoas que vivem no campo, no sentido de terem um ensino diferenciado daquela que é oferecida aos habitantes das áreas urbanas. Sendo ela considerada um direito subjetivo, que é aquele que pode ser invocado seu cumprimento pelo seu titular imediatamente, sendo assim, vemos a importância do conhecimento dos direitos para que só assim se possibilite cobrá-los. “As consequências dessa inspiração no paradigma urbano são marcantes na secundarização do campo e na falta de políticas para o campo em todas as áreas públicas, saúde e educação de maneira particular. ” (ARROYO, 2007, p.159).

Logo, os profissionais que trabalham no campo, incluindo os professores, estendem seus serviços urbanos para o campo, sendo que muitas vezes eles vão trabalhar nestes espaços como uma penalidade por motivos de políticas partidárias no município, o que causa desânimo e falta de interesse do profissional prejudicando os sujeitos que dependem daquele serviço. Com isso, os movimentos sociais,

também demandam do Estado iniciativas para a formação de profissionais para trabalhar nas escolas localizadas no campo.

Consequentes com essa concepção de educação, os movimentos sociais reivindicam políticas de formação de educadoras e educadores. Diante da ausência de políticas e de instituições voltadas para a especificidade dessa formação, os movimentos sociais, em sua pluralidade, vêm construindo uma longa história de formação que começa por criar cursos de magistério, cursos normais de nível médio, continua por cursos de pedagogia da terra em nível de graduação e de pós-graduação. (ARROYO, 2007, p.164)

A história da educação rural no Brasil foi de negação deste direito aos agricultores, por parte das ações e das políticas governamentais, porém nas três últimas décadas houve um grande crescimento das organizações e entidades dos agricultores, na luta não apenas por uma educação rural, mas por uma educação do campo.

Segundo Queiroz (2011), no final dos anos 60, surgiram as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) no Estado do Espírito Santo, trabalhando com a Pedagogia da Alternância, no Ensino Fundamental. E na década de 1970 se expandiram e dando abertura a primeira experiência de Escola Família Agrícola de Ensino Médio. Essas experiências tiveram grande significado para que acontecessem avanços em relação à Educação do Campo no país, assim como as escolas do MST, a escola ativa, as reivindicações e experiências educativas do movimento sindical, entre outras.

O MST, por sua vez, se consolidou no Brasil como um movimento significativo na luta pela reforma agrária e tem contribuído para uma reflexão e uma prática de educação do campo, por que uma coisa não está dissociada da outra.

No campo educacional podemos dizer com Gohn (2001) que os debates e as iniciativas sobre a educação para a cidadania e a escola cidadã, marcaram a década de 1980 e contribuíram decisivamente para que se inscrevesse algumas conquistas dos trabalhadores na nova Constituição promulgada em 1988, entre as quais vale ressaltar a compreensão e proclamação da educação como direito. [...] Apesar da nova LDB ter reformulado o ensino técnico no Brasil a partir das exigências do Banco Mundial, desmantelando a educação unitária, e desvinculando o ensino profissional da formação geral, pela primeira vez na legislação houve uma referência explícita à especificidade e diferenciação quanto à oferta de educação básica para a população rural. (QUEIROZ, 2011)

Neste trecho, Queiroz trata da LDB. Lei no. 9.394, que não especificamente vem falar de uma Educação do Campo da forma que ela é pautada pelos movimentos, mas foi uma conquista expressiva da época.

Segundo Caldart:

O surgimento da expressão “Educação do Campo” pode ser datado. Nasceu primeiro como *Educação Básica do Campo* no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho de 1998. Passou a ser chamada *Educação do Campo* a partir das discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho de 2004. (CALDART, 2012, grifos do autor)

A I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo foi articulada pelos movimentos sociais do campo com o objetivo de conduzir uma educação que se vinculasse ao campo, tornando-se um espaço de produção de conhecimento e de articulação de saberes, cuja essencialidade denota a participação camponesa na construção de um ideário político pedagógico para a educação do campo.

Queiroz (2011) reforça que todo esse movimento pela educação do campo e toda a articulação das entidades, movimentos e das experiências contribuíram para a aprovação, em 2002, pela Câmara de Educação Básica, do Conselho Nacional de Educação, das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

Estas Diretrizes, com base na legislação educacional, constituem um conjunto de princípios e de procedimentos que visam adequar o projeto institucional das escolas do campo às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Especial, a Educação Indígena, a Educação Profissional de Nível Técnico e a Formação de Professores em Nível Médio na modalidade Normal. (DIRETRIZES, Art. 2º).

A II Conferência Nacional por uma Educação do Campo contou com a participação de representantes de diferentes organizações sociais.

Movimentos Sociais, Movimento Sindical e Organizações Sociais de Trabalhadores e Trabalhadoras do Campo e da Educação; Universidades, ONGs e Centros Familiares de Formação por Alternância; secretarias estaduais e municipais de educação e outros órgãos de gestão pública com atuação vinculada à educação e ao campo; trabalhadores e trabalhadoras do campo, educadoras e educadores, educandas e educandos de comunidades camponesas, ribeirinhas, pesqueiras e extrativistas, de assalariados, quilombolas e povos indígenas. (DOCUMENTO FINAL DA II CONFERÊNCIA).

Constata-se com a trajetória da educação do campo no Brasil que historicamente a política educacional brasileira não contemplou as necessidades e a realidade dos povos do campo, empenho do Poder Público para implantar um sistema educacional adequado às necessidades das populações do campo. Sendo indeferido para essa população sem existir a formulação de diretrizes políticas e pedagógicas específicas para as escolas do campo; falta de manutenção dos espaços escolares ocasionando a precarização; não implementação de uma política efetiva de formação inicial e continuada e de valorização da carreira docente no campo.

Ribeiro (2012) diz que “A educação do campo não admite a interferência de modelos externos, e está inserida em um projeto popular de sociedade, inspirado e sustentado na solidariedade e na dignidade camponesas.” Assim, ocorre um crescimento do movimento operário e camponês no Brasil e, a partir da luta por estes direitos, foi se construindo novas práticas pedagógicas que fundamentaram o surgimento de diferentes movimentos de educação no campo, nos diversos estados do país.

Houve também o crescimento e a difusão de experiências que viam na educação um dos instrumentos que proporcionaria uma maior conscientização política e social brasileira, atualmente as escolas que adotam os princípios da Educação do Campo e praticam seus ensinamentos estão tendo grande destaque e demonstram com suas experiências como o ensino pode mudar a vida das famílias sem necessitar anular seus aprendizados anteriores e seu trabalho de lidar com a terra.

1.2 A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER NAS ESCOLAS DO CAMPO

A leitura ainda é descrita muitas vezes apenas como o ato de decodificar palavras escritas, ou seja, “[...] a leitura como processo psicológico em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas no seu conhecimento linguístico, sociocultural, enciclopédico” (KLEIMAN, 2013). Porém percebemos que ela está para além da mera escrita e sua decodificação, pois durante nosso dia-a-dia fazemos diversas leituras do que nos rodeia, tirando conclusões, refletindo e tentando “decodificar” situações, objetos, ações, corroborando com Freire (1989) quando diz que “A leitura

do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. ”

Segundo Kleiman (2013), ler é uma prática social que remete a outros textos e outras leituras. Durante esta atividade, são acionados todo um conjunto de valores, crenças e atitudes de um grupo social a que o leitor pertence. Sendo assim, compreende-se que ela influencia e é influenciada pela realidade do leitor. Com isso Paulo Freire (1989) traz a importância da leitura de mundo — sendo compreendida como a percepção da realidade onde o leitor se encontra — precedendo a leitura da palavra escrita. Podemos pensar então já que a leitura está atrelada a tantas questões da vida do leitor pensar a leitura para o sujeito é pensar sua vida também, pois esta tem relevância para a leitura, já que a entendemos como uma ação que está para além do ato de decodificar palavras apenas por necessidade ou obrigação.

A leitura muitas vezes é tida como algo monótono e chato, mas em contrapartida muitos amam realizar esta atividade. Ela é a maneira mais conhecida de adquirir conhecimento e ainda proporciona inúmeros benefícios na melhora da qualidade de vida, tanto por possibilitar melhoria da saúde mental, quanto do ponto de vista social. Claro que neste sentido não se trata da leitura como o simples ato de decodificar as palavras, mas sim de interpretação e compreensão do que está sendo lido.

“Para construir um contexto de aprendizagem mediante a interação, o aluno deve conhecer a natureza da tarefa e deve estar plenamente convencido de sua importância e relevância. ” (Kleiman, 2013, p. 13) E é isso que se pretende discutir nesta seção sobre qual é a importância deste ato.

Esta é uma atividade presente no nosso cotidiano constantemente, em praticamente todas as situações a leitura está presente. Durante as tarefas cotidianas, sempre necessitamos ler algo. Isso por estarmos numa sociedade totalmente grafocêntrica, ou seja, que é centrada na escrita.

Nós vivemos em uma sociedade grafocêntrica, neste sentido mesmo antes de as crianças entrarem na escola elas já estão em contato com a escrita e com leitura. Com a escrita quando em contato com rótulos reconhecem que as letras têm uma forma própria diferente dos desenhos e dos números. Com a leitura quando também em contato com rótulos, propagandas, desenhos e etc. reconhecem e compreendem o seu significado. (ALMEIDA, et al, 2012)

Lê-se por necessidade, por prazer, para trabalhar, estudar, nos locomover,

comprar, vender, leitura informativa, leitura de estudo, leitura de caráter religioso, enfim.... Sendo assim é possível perceber as dificuldades enfrentadas por aquelas pessoas que não detém esse domínio da leitura em tarefas simples do dia-a-dia.

Nesse sentido, tão importante quanto a aprendizagem e o uso da leitura e da escrita no ambiente escolar é o papel social que esses processos possuem na vida dos sujeitos. Afirmar isso significa compreender que, muito antes de se inserir no ambiente escolar, a criança já tem contato com a leitura e a escrita que são provenientes de sua relação com livros, cartazes, embalagens, contação de história, conta de água, luz, anotações realizadas por adultos, etc. O ambiente familiar, nessa perspectiva, torna-se o primeiro espaço de contato da criança com o mundo letrado. (BUENO e NOGUEIRA, 2014)

Scliar (apud, AMORIM, 2008) traz a leitura como um ato simbólico “O simbolismo que envolve a leitura mudou muito ao longo dos milênios: simbolismo religioso, simbolismo mágico, simbolismo de poder. Mas a leitura continua sendo um ato simbólico. Simboliza aquilo que a humanidade tem de melhor. ”

Como uma das principais questões que envolvem a importância da leitura temos a formação de cidadãos de direito. Usufruir de seus direitos não é uma tarefa tão fácil quando se desconhece quais são eles. É certo de que existem outras maneiras além da leitura que poderia se chegar a esses conhecimentos, mas nenhuma de forma tão independente como a leitura. Existem muitos indivíduos que legalmente possuem cidadania, mas que não dispõem de condições sociais, estruturais e materiais; exercê-la.

Leitura e cidadania tem tudo a ver. É um binômio correto, objetivo, que anuncia a estreita relação entre uma ação de governo e sua consequência na vida dos nacionais. Ao tempo da colônia, o governante proibia a leitura e a difusão do conhecimento. O propósito era não formar cidadãos, privilégio admitido apenas aos membros da elite. O País democrático abre espaço para que os contrários convivam em paz dentro do mesmo espaço político, precisa oferecer mais e mais oportunidades a todos para aprender, conhecer, ler e, por intermédio desse caminho, se transformar em cidadãos de fato de direito. ” (AMORIM, 2008. pág 43)

Neste trecho percebemos o poder da leitura. No Brasil, vemos como os governantes reconhecem tal importância e tentam afastar o conhecimento proporcionado pela leitura dos “cidadãos” colonizados. Ora, se não conheces seus direitos, como irá cobrá-los?

Além disso, a transmissão desse conhecimento para as gerações futuras, na escolha de governantes e na cobrança feita a eles, torna essencial para ocorrer mudanças numa sociedade e tudo isso vindo da educação e conseqüentemente da leitura. Fortalecendo a questão de que a leitura é uma ferramenta de inclusão a partir do momento que apenas a elite detinha esta ferramenta, apenas ela desfrutava de determinados direitos e ainda se tornando privilegiados. Já com o conhecimento sendo difundido para os demais membros da sociedade estes têm a oportunidade de mudar a sua realidade e vencer a desigualdade.

Ainda referente a este domínio da elite e dos governantes, temos também a visão da leitura como forma de poder.

Pode-se afirmar que a linguagem escrita é uma das maiores invenções de todos os tempos, um instrumento que evoluiu para atender ao inexorável avanço da humanidade. Tão importante é sua importância que se tornou uma ferramenta de poder: aqueles que detinham o domínio do conhecimento, em geral adquirido pela escrita e pela leitura, passaram a sobrepor-se àqueles que não o possuíam. (AMORIM, 2008, pág. 11)

Muitas vezes temos a importância da leitura (assim como é vista a Educação) tida como a busca de uma melhora de vida financeira, não que realmente essa não possa ser obtida através deste instrumento, pois para concursos públicos, por exemplo, é necessário o domínio da leitura, porém exigem dos candidatos um conhecimento muito mecanizado das regras gramaticais, dessa forma o conhecimento da decodificação e decoraçãõ dessas regras já é o bastante para se conseguir a aprovação.

Como o exemplo que nos dá Kleiman:

Já ouvimos um aluno de terceiro colegial dizer “*Eu não quero trabalhar textos, eu quero aprender português*”, expressando o mesmo pré-conceito de um adulto analfabeto em curso supletivo de alfabetização que nos disse: “*Eu não quero trabalhar textos, eu quero aprender a ler*”. Essas convicções estão baseadas numa concepção de saber linguístico desvinculada do uso da linguagem. (KLEIMAN, 2013)

Nisso podemos perceber a visão da necessidade de aprender normas e técnicas de escrita de forma mecanizada apenas para a conquista de alguns benefícios que lhe atribuirá uma melhora limitada de vida, pois é isso que é exigido em suas provas e avaliações, sendo que muitas vezes até mesmo as instituições de

ensino avaliam desta mesma forma, não estimulam a interpretação dos estudantes e nem a cobram deles. Não se obtêm muitos avanços com estas atividades, apenas acomoda-se em aprender o necessário para obter aquele objetivo.

Então temos a leitura como uma ferramenta de independência para se viver em uma sociedade grafocêntrica, onde praticamente tudo está escrito e deve ser escrito para que haja confirmação de sua existência. Sendo assim, também a vemos como um dos meios de adquirir ainda mais conhecimento.

Portanto, entre tantos benefícios, a leitura se coloca para além de um simples ato avulso, mas sim totalmente interligado com a vida do sujeito. Porém diante destes mesmos benefícios o acesso a ela tornasse diferente para determinadas pessoas, pois para alguns terá a leitura apenas como uma decodificação de palavras, enquanto outros poderão obter a essência deste ato. “A entrada neste mundo letrado, não é concedida a todos, ela é restrita, profundamente seletiva e preconceituosa.” (BARROS, 2014).

Paulo Freire (1989) diz que de alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas antecedida pela leitura do mundo, como já havia dito, mas de certa forma de 'escrevê-lo' ou de 'reescrevê-lo', quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. Com a leitura mudamos nossa realidade, nosso mundo.

Diante do exposto, refletimos, então, sobre a leitura nas escolas do campo na tentativa de entender como essa atividade vem sendo desenvolvida nestes espaços educacionais. Do ponto de vista pedagógico, muito se fala em criar o hábito de ler, sendo uma tarefa dos professores, talvez especificamente dos de língua portuguesa. Mas isso nos faz pensar em algumas questões: Será apenas deles a tarefa de formar leitores? Existem metodologias que auxiliam na busca deste objetivo? Se sim, que tipo de leitores estamos querendo formar? E nas escolas do campo, que tipo de leitores estamos formando?

Segundo Bellenger (2013), a questão de amar ou detestar ler estar envolvido com os sentimentos onde ele destaca o desejo, de uma forma bastante romântica e poética, e realmente muitas pessoas concordam com Bellenger e sentem prazer na leitura, são apaixonadas por essa atividade. Porém, essa não é uma realidade principalmente quando nos referimos à leitura como tarefa escolar, tida muitas vezes como um castigo ou uma atividade descontextualizada onde não se percebe objetivos em sua realização se tornando de forma mecânica.

Paulo Freire faz uma retomada de histórias e momentos de sua infância no livro “A importância do ato de ler” para compreender de onde surge e como surge seu gosto pela leitura e como se dá seu envolvimento com a mesma. Se envolvendo primeiro com a leitura de mundo— sendo compreendida como a percepção da realidade onde o leitor se encontra— para então ler a palavra escrita.

Pois a leitura está totalmente relacionada com a realidade e destarealidade que tentamos buscar o entendimento para o que está sendo lido.

Com frequência nos contentamos, por economia ou preguiça, em ler superficialmente, "passar os olhos", como se diz. Não acrescentamos ao ato de ler algo mais de nós além do gesto mecânico de decifrar os sinais. Sobretudo se esses sinais não se ligam de imediato a uma experiência, uma fantasia. Uma necessidade nossa. Reagimos assim ao que não nos interessa no momento. Um discurso político, uma conversa, uma língua estrangeira, uma aula expositiva, um quadro, uma peça musical, um livro. (MARTINS, 1988)

A leitura não é uma prática independente, dissociada de outras questões, não é neutra, ela é totalmente influenciada e influenciadora. Nesse sentido tratamos não só da leitura como também da reflexão sobre a mesma, pois a leitura sem nenhuma reflexão se torna alienante. Portanto, não nos referimos a leitura apenas como decodificação das palavras.

E sendo assim, se torna uma tarefa ainda mais complicada formar leitores que além do ato mecânico de ler, leiam de forma compreensiva, com fundamentos e interpretação. Por muitas vezes somos obrigados a ler aquilo que não desejamos e isso torna este ato doloroso. “Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido. ” (KLEIMAN, 2013, pág 22).

Muitos professores ainda sedimentam a visão negativa do livro e da leitura a colocando numa posição de castigo por indisciplina da turma. Kleiman (2013) ainda reforça que a atividade árida e tortuosa de decifração que acontece nas salas de aula não se configura como leitura, apesar de estar legitimada pela tradição escolar como tal.

A pesquisa realizada em 2007 e apresentada no livro “Retratos da Leitura no Brasil” mostra que entre os jovens quem leem, grande parte informa que realizam *por obrigação*, enquanto somente 26% respondem que o fazem *por prazer*, quando avaliados sobre a motivação para a leitura, percebendo então que essa prática ainda

não os seduziu.

Se pensando na Educação do Campo numa modalidade que envolve uma diversidade de culturas, crenças e identidades, partindo da valorização dos sujeitos do campo e sendo ligado à terra e ao trabalho, pensa-se sobre práticas de leitura que estejam de acordo com seus princípios, estando também diante de uma realidade e de um espaço historicamente, no contexto escolar, marcado pelo grande número de analfabetismo, insucesso escolar, desistências e precariedade.

Cabe, então, a partir das reflexões aqui tecidas, pensar de forma mais específica sobre o desafio da formação de leitores nas escolas rurais. Sabe-se que em grande parte das escolas localizadas em áreas rurais ainda prevalece, nos textos e materiais didáticos, a lógica urbanocêntrica e que muitas vezes estes recursos pedagógicos não dialogam com a realidade do aluno, como já citado. (ORRICO, 2015)

Já que a palavra mundo é anterior à leitura da palavra, assim como já citamos com Freire, suponhamos então que talvez as práticas de leitura devam ser dialogadas com a realidade dos sujeitos camponeses, trazendo sua cultura local, suas tradições. Isso que defendem Orrico e Freitas (2014) ao afirmar que, no que diz respeito aos professores em atuação nas escolas rurais, em se tratando de suas práticas de leitura, pesquisas indicam que a maioria tem encontrado dificuldade na formação de leitores críticos, relatando que tem formado basicamente decodificadores de palavras. Isso significa dizer que infelizmente a formação de leitores não está acontecendo com o devido sucesso por conta das dificuldades que estão sendo encontradas, as quais devem receber certa atenção para melhorar as ações com o intuito de se chegar ao êxito.

Temos a leitura como uma ferramenta política, de grande importância para formação de cidadãos e como arma para deter o poder. O que para os camponeses que tiveram por muito tempo muitos direitos negados enriqueceria sua luta. O que Paulo Freire (1989) diz em relação à educação como uma questão de poder vale claramente para a leitura:

O que temos de fazer, então, enquanto educadoras ou educadores, é aclarar, assumindo a nossa opção, que é política, e sermos coerentes com ela, na prática. A questão da coerência entre a opção proclamada e a prática é uma das exigências que educadores críticos se fazem a si mesmos. É que sabem muito bem que não é o discurso que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso. ” (FREIRE, 1989, pág. 25)

Nesse sentido, consideramos a conquista da leitura e da escrita fundamentais para formação de jovens e adultos que vivem no campo e que precisam ter seus trabalhos, sua formação profissional e experiências valorizados. (BARROS, 2014)

Diante de reações de lutas contra o sistema que por tanto tempo recusou direitos aos sujeitos do campo, a leitura se torna muito eficiente para enfrentar esse descaso histórico vivenciado por eles que geram consequências inúmeras. É o que afirmam autores como Orrico e Freitas (2014) ao falar que:

Diante do exposto, acreditamos que ir de encontro à formação de leitores decodificadores nas escolas do campo é redefinir o sentido da função de ler para esse aluno, acreditando que ele deve aprender desde cedo a utilizar a leitura como forma de melhor compreender o mundo e os problemas que vive, buscando a partir dessa prática a possibilidade de criar argumentos para defender seus posicionamentos, comprometendo-se assim com a criação de uma realidade melhor e possível para quem vive e trabalha no campo. (ORRICO e FREITAS, 2014)

Se o verdadeiro objetivo é formar leitores críticos para que através disso possam compreender o mundo e saber atuar em diferentes situações, o primeiro passo é apresentar a leitura com a importância que ela verdadeiramente tem. Apresentá-la como forma de castigo ou tortura só irá torná-la exatamente torturante para quem o faz e, além disso, alienante, já que não haverá pensamento crítico sobre ela.

Para formar leitores é importante também que os professores sejam leitores. Não como apenas uma questão de ser o exemplo, mas como formar cidadãos aos qual não somos? Como um professor alienado forma um cidadão crítico? Neste desafio a escola não assume esse papel sozinha. Mas sim juntamente com a família, que se torna uma das maiores influenciadoras para os leitores.

Ao falar de pesquisa realizada, Amorim (2008) afirma que:

Entre os entrevistados leitores, confirma-se que a maior influência para a criação do envolvimento com a leitura vem dos pais (principalmente das mães). No entanto, dado o quadro de que 21 % dos pais dos entrevistados não têm instrução alguma, 23% cursaram até a 4ª série do Ensino Fundamental ou têm Fundamental Incompleto (15%), enquanto as mães sem qualquer escolaridade são 24%, 22% fizeram até a 4ª série e 17% têm Fundamental incompleto, compreende-se quão difícil é para a família a inculcação do valor da leitura. [...] Por isso, apesar de não ter enfoque específico, a escola é

elemento constante, às vezes subjacente, ao longo da pesquisa e confirmada a responsabilidade que recai sobre a escola (embora não só sobre ela) na tarefa de melhorar os níveis de leitura no Brasil. (AMORIM, 2008)

Em se tratando da realidade camponesa, temos um grande percentual de analfabetismo ainda, principalmente analfabetismo funcional, ou seja, pessoas, que não são consideradas leitoras proficientes, críticas. Ainda que existam muitos projetos e programas de incentivo à leitura o que dificulta a mudança desse quadro é a falta de políticas públicas para modificar esta triste realidade. Outro ponto é que o encontro com os livros na maioria das vezes é realizado através das escolas, que no campo a realidade de muitas são materiais e livros precários, que não tem relação com o modo de vida dos sujeitos do campo e isso acaba tornando a formação de leitores uma tarefa mais dificultosa.

Ao falar da realidade das escolas rurais e do contato com professoras destes espaços, Orrico (2015) diz que:

Fui convivendo e me aproximando das suas histórias e descobrindo que, além de lidar com a realidade das escolas rurais, nas quais muitas trabalhavam, vivenciavam diariamente a falta de investimentos básicos e a escassez de projetos e materiais didático-pedagógicos que tivessem vinculação com suas identidades e realidades. (ORRICO,2015)

Ainda temos a falta de bibliotecas espaços de leitura e os livros didáticos descontextualizados com a realidade dos alunos do campo. Concordando com Teberosky e Colomer (2003), Orrico (2015) afirma também a importância que os espaços escolares proporcionem o contato entre seus alunos e uma grande diversidade de textos, pois isso os levará a aumentar seus repertórios discursivos e possibilidades de inserção social.

Portanto, percebemos que a leitura dentro da Educação do Campo, deve seguir seus princípios, formando seres críticos, estando esta atividade contextualizada com sua realidade para que esta seja uma ferramenta que auxilie na melhoria de vida dessa população. Assim como Orrico (2015) traz que se tratando das escolas rurais, a leitura tem sido desvinculada das raízes identitárias dos sujeitos, exatamente porque o ato de ler de forma crítica assume uma relevância na construção de propostas que rompam com a lógica do urbano que se sobressai em relação ao rural.

Concluindo que a escola tem um papel muito importante na formação de leitores e na apresentação da leitura para os estudantes, mas isso não deve se resumir apenas ao ambiente escolar, pois o incentivo faz muito mais eficiente se vindo também do ambiente familiar. E diante dos direitos negados aos sujeitos camponeses percebemos a relevância do ato de ler uma vez que a aquisição da leitura pode expandir a percepção da realidade dos sujeitos do campo, podendo ser utilizada como importante ferramenta de fortalecimento das lutas e efetivação das conquistas para o desenvolvimento do campo e de cada sujeito.

Diante disso vemos a necessidade de compreender o contexto presente no espaço a ser estudado, procurando primeiramente entender como se dá esses temas pela visão da gestão e como ela pensa trabalhar sobre isso se aproximando assim do nosso campo de pesquisa, o Colégio Dr. Reinaldo Barreto Rosa.

1.3. A CONCEPÇÃO DE LEITURA E DE EDUCAÇÃO DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE CASTRO ALVES/BAHIA

O município de Castro Alves, local em que se situa a escola que é palco desse estudo, está localizado no Recôncavo da Bahia, tendo, segundo o IBGE, uma população de 26 209 habitantes, estimadamente em 2018. Contém sete escolas públicas na sede e treze no campo ativas atualmente. Nesta seção, pretende-se refletir a partir de como se apresenta a Educação do Campo e a leitura dentro deste município a partir de diálogos realizados com a Coordenadora dos anos iniciais do município, Maely Santos, que se disponibilizou para falar sobre Educação do Campo e responder a algumas questões.

Sobre uma visão a partir da diferença do antes e depois da educação existente no campo do município, a colaboradora entrevistada conta que em 2002, início da sua carreira no município como funcionária pública, teria sido uma época muito sofrida no sentido de articular o processo pedagógico, porque existiam várias casas que funcionavam como escola não havendo também coordenação suficiente para todas. Relata que um professor era tirado da sala de aula para ser o coordenador ou então eram pessoas contratadas da comunidade que faziam o processo de coordenação pedagógica e a gestão, pois não havia um diretor específico para cada instituição, havendo casos de um mesmo coordenador assumir um número de escolas que não possibilitava o devido acompanhamento. Entre

inúmeras outras dificuldades também haviam a difícil locomoção e os recursos didáticos que eram poucos, “as atividades necessitavam ser trazidas para a secretaria para mimeografar” como ela exemplifica.

Todas estas complicações foram resultando na diminuição da quantidade das escolas existentes no campo. Em 2010 o Programa Nacional do Livro Didático do Campo (PNLD Campo) diferenciou em nível nacional e trouxe um livro didático destinado para o espaço rural que segundo ela era um material pobre em questões de conteúdo. “Livros que condensavam os conteúdos como se o problema do livro didático fosse a quantidade, sendo na verdade o contexto. Os livros tem muito o foco do contexto rural do sul e continuava fora da realidade e isso trouxe uma divisão também para rede. ” Segundo Maely, o PNLD campo foi tão mal construído em termos de estrutura de livro didático que este ano não foi mais distribuído por conta desta fraqueza e hoje campo e cidade do município de Castro Alves tem o mesmo livro didático.

Refletindo sobre isso, observa-se que o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) é um programa que administra o livro didático para as escolas públicas e o PNLD Campo surge para atender as escolas do campo com um livro diferenciado, mas que na prática isso não aconteceu. Segundo o Ministério de Educação, o PNLD Campo obtém e disponibiliza coleções com metodologias específicas voltadas à realidade do campo e contempla conteúdos curriculares que favoreçam a interação entre os conhecimentos científicos e os saberes das comunidades, tendo o seguinte objetivo:

Distribuir materiais didáticos específicos para os estudantes e professores do campo que permitam o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem de forma contextualizada, em consonância com os princípios da política e as diretrizes operacionais da educação do campo na educação básica. (BRASIL, 2019)

Porém, um olhar mais atento sobre a coleção Girassol – Saberes e fazeres do campo – uma obra da Editora FTD e um dos livros aprovados no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD Campo 2013), que foi adotado em muitos municípios baianos, mostra que as atividades de leitura giram em torno do estudo da língua, como atesta a imagem a seguir, que retrata uma atividade do livro de Língua Portuguesa do 4º ano do Ensino Fundamental.



DE OLHO NA ESCRITA

1. Organize as palavras do quadro nas colunas adequadas. Depois escreva ao lado o plural de cada uma. Observe os exemplos.

avental	pau	barril	lençol	cacau
pastel	degrau	mingau	cantil	berimbau
pedal	céu	curau	funil	

Palavras terminadas em u
troféu — troféus

Palavras terminadas em l
farol — faróis

Imagem 1: Fonte: Coleção Girassol – Língua Portuguesa – 4º ano do Ensino Fundamental

A coleção é dividida em séries, negando a multisseriação como uma realidade nos espaços do campo. É certo que é um avanço o PNLD/Campo (Programa Nacional do Livro Didático / Campo), mas ao nos determos no livro em si, percebe-se que apesar de ter alguns pontos positivos, como a utilização de ilustrações e de alguns temas relacionados ao cotidiano de algumas comunidades campesinas, os livros revelam uma concepção de leitura e leitor empobrecida.

1. Leia o trecho de um poema.

AS ABELHAS

A aaaaaabelha-mestra
E aaaaaaas abelhinhas
Estão tooooooodas prontinhas
Pra iiiiiiir para a festa.

Num zune que zune
Lá vão pro jardim
Brincar com a cravina
Valsar com o jasmim.

[...]
Vinicius de Moraes. In: *A arca de Noé poemas infantis*.
São Paulo: Cia das Letras, Editora Schwarcz Ltda. 1991. p. 54.



Cravina: planta ornamental com flores de diversas cores.
Valsar: dançar.

2. No poema, houve repetição de algumas letras. Leia.

aaaaaaabelha-mestra aaaaaaas

tooooooodas iiiiiiir

Imagem 2: Fonte: Coleção Girassol – Língua Portuguesa – 2º ano do Ensino Fundamental

Observa-se que as políticas públicas para a adoção de livros didáticos para o campo não têm ajudado o professor no processo de alfabetização, de ensino/aprendizagem e de formação de leitores proficientes. Reconhece-se que mesmo o livro didático aprovado pelo PNLD Campo acaba sendo um material que não permite que os estudantes aprofundem conhecimentos sobre a leitura nem sintam prazer em ler, pois as atividades revelam uma concepção empobrecida de leitura, como exemplificam as próprias atividades do livro, que consistem em cópias e outras propostas do gênero.

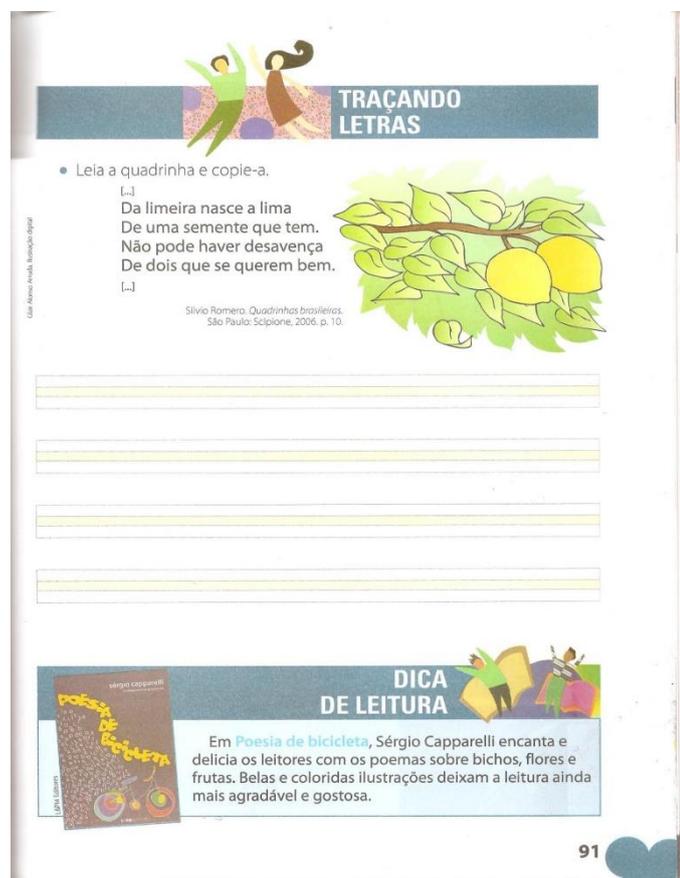


Imagem 3: Fonte: Coleção Girassol – Língua Portuguesa – 4º ano do Ensino Fundamental

2. As palavras a seguir foram escritas com diferentes tipos de letras de imprensa. Observe os espaços entre as letras. Nessas palavras, as letras não são ligadas entre si.



- Agora copie essas palavras usando letra cursiva. Procure manter as letras ligadas umas às outras.

mola	noite	nome
macaco	meia	mamão

Imagem4: Fonte: Coleção Girassol – Língua Portuguesa –3º ano do Ensino Fundamental

Sabendo que é um debate já existente na Educação do Campo sobre materiais específicos para o ensino nas escolas do campo, podemos afirmar que ao longo dos anos muito do que se foi discutido pelos movimentos sociais foram sendo incorporados pelo Estado, nem sempre de forma tão satisfatória, mas expressando que a luta e os debates podem sim influenciar as ações do governo.

Em relação ao PNDE campo, segundo Vieira:

Evidenciou-se na pesquisa, a importância do livro no processo de organização do ensino, o livro assumido como elemento da cultura escolar, mas destacando-se sobre a questão dos livros não representarem a *cultura*, mas apenas parte dela. Neste sentido revela-se a importância dos docentes no processo de escolarização, mediando entre conhecimento historicamente construído e os conhecimentos presentes na realidade dos alunos. (VIEIRA, 2007)

Diante de pesquisas, ela afirma a necessidade de juntamente com o livro o mediador ter a preocupação em relacionar aqueles conteúdos com o contexto em que o estudante se insere, pois o livro estando ou não voltado para o campo ele não pode ser o único elemento com essa intencionalidade, não sendo também a única ferramenta a ser utilizada pelo professor. Até porque de nada adiantaria um livro

contextualizado numa aula fora da realidade.

Sobre as escolas multisseriadas, Maely também fala que eram raras as escolas do campo que não eram desta maneira, até mesmo as maiores. E como o atual gestor da cidade, desde campanha dizia que não admitiria duas coisas: o pau-de-arara, e nem classes multisseriadas, então o projeto de acabar com essas classes foi algo falado antes mesmo de assumir a prefeitura e, portanto, uma “promessa de campanha”, sendo assim no primeiro ano de gestão— 2017— já foram fechadas várias escolas e se passou a transportar os estudantes para as escolas maiores. Houve resistência, discussões e impactos positivos e negativos e hoje as escolas que estão sendo reformadas no campo estão seguindo um padrão de escola com qualidade e os professores tanto da sede quanto do campo tem a mesma qualificação, segundo a mesma

Em 2014, foi incluído pela Lei nº 12.960, de 2014 no Artigo 28 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), 9394/96 a possibilidade de uma manifestação popular sobre a tomada de decisão do fechamento das escolas, o que podemos analisar pelo exemplo do município de Castro Alves que não tem sido suficiente para parar o processo de fechamento das escolas estabelecidos pelos governantes.

Parágrafo único: O fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar. (LDB, 1996)

Para Maely para lidar com este tipo de classe é necessário muito mais do que uma formação específica, mas o pertencimento e um sentimento pela luta a favor das multisséries.

Eu entendo que o campo para ter uma sala multisseriada ele precisa de professores de movimento, professores que tenham uma causa para defender, ensinar multisseriada é uma arte que não é para qualquer professor, é ter o sentimento de pertença. Para ser professor do campo, como a gente prega dentro da educação do campo de transformar não só o aluno, mas transformar a comunidade e trazer esses cidadãos camponeses com mais qualidade para lutar pelo seu território, tem dese ter professor com uma formação política muito forte e isso as pedagogias não trazem. Não desmerecendo ou desvalorizando o campo, mas por que existe

uma especificidade da cultura e hoje eu não defendo multisseriado, quando você não vê esse perfil de professor, por que estaríamos fazendo um faz de conta. (informação verbal)²

Complementa dizendo que as classes multisseriadas necessitam de material didático específico, a própria estrutura da sala de aula tem que ser diferente, não defendendo, portanto as multisseriadas no contexto regional que vivemos porque não se têm mais alunos “pacatos”, diz Maely. Em contrapartida relata a construção de instituições novas nas comunidades rurais e sua importância, como o novo colégio localizado no povoado do Morro, que ainda não foi inaugurado oficialmente, mas que já está em funcionamento e que tirou mais de 100 alunos que estudavam na sede para retornarem a estudar na sua comunidade. “Apesar de parecer que fechou salas e descaracterizou uma comunidade, foi um trabalho para melhorar, criando uma nova estrutura e que valoriza a comunidade. Uma quantidade dos professores desta nova instituição são da cidade, isso mostra que não temos tantos professores do campo na ativa.” diz ela, que reforça dizendo que o colégio de Petim, Dr. Reinaldo Barreto Rosa que é organizado, em sua maioria, por pessoas de outro município.

Realmente é de grande importância que fisicamente as instituições do campo do município possam ganhar melhorias em sua estrutura, mas não é apenas fisicamente que a escola do campo pretendida pelos movimentos sociais se constrói como uma escola verdadeiramente com base na Educação do Campo e na vida dos sujeitos que a fazem um ambiente tão importante socialmente.

Sobre a leitura dentro do município, Maely diz que todas as escolas hoje vivem dentro de um programa, e elas têm autonomia de criarem seus projetos, havendo critérios que tanto a secretaria quanto o MEC promovem, e por ser dada esta autonomia para cada instituição de ensino de formular seus próprios projetos de leitura, possibilita um foco maior nas especificidades de cada comunidade.

Municipalmente não há projetos estabelecidos nesta linha, exceto o “Alfabetiza mais Castro Alves”. Este projeto por sua vez, promove com que escolas tragam propostas metodológicas de alfabetização, concorrendo a premiações por escolas, servindo de incentivo para os professores. Ela afirma que alfabetizar é uma dificuldade a nível nacional e a leitura hoje se tornou um sonho de consumo de todos os professores, porque os alunos estão chegando nos anos finais sem ler e quando há o acompanhamento dos pais neste processo o sucesso é muito mais

garantido.

A Proposta Curricular do Município está sendo reformulada, sendo um documento que está desatualizado por conta do Movimento pela Base Nacional Comum. Processo que depende de outros documentos, ela conta que essa proposta curricular ano passado foi revisada por todos os coordenadores do ensino fundamental do primeiro ao nono ano. Analisou-se o que estava coerente e o que precisa ser modificado e seguiu-se para exame da Base, que no momento se encontra em execução esta etapa desde o ano passado. Também está sendo feita a apropriação do currículo Bahia, porque a Base não é um currículo fechado, ela é um norte e o currículo Bahia, traz os traços do Estado da Bahia e da região Nordeste, sendo proposto analisar as habilidades que a Base contém e começar a pensar em habilidades específicas de Castro Alves, sendo este um trabalho que demanda um tempo, pois necessita reflexão e toda reflexão requer um tempo de levantar um problema, lançar hipótese, descartar hipóteses e se fundamentar daquilo que fica, sendo assim é um processo.

A Secretaria não apresenta uma visão mais geral do contexto da leitura na educação do município, pois não há linha específica para o campo dentro da Proposta Curricular do município, mas que as especificidades ficam por conta dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) de cada instituição, por ser um documento mais próximo de cada realidade. Mas o que fica bem claro pela fala da coordenadora Maely é que os estudantes estão chegando com dificuldade de leitura e escrita nos anos finais.

Temos que reter a quantidade de alunos que está indo para o 5º ano sem se apropriar da leitura e da escrita. Não existe condições do aluno avançar, se tornar autônomo sem se apropriar da leitura, e quanto mais tempo ele demora de se apropriar da leitura mais ele vai perdendo crédito na educação.(informação verbal)²

E se há a falta de domínio destes mecanismos a dificuldade de formação de leitores se torna ainda maior. A aquisição de criticidade na leitura onde não há nem a decodificação das palavras se torna praticamente impossível.

²Santos, Maely. Entrevista I. [jun. 2019.] Entrevistadora: Paloma Jesus de Oliveira. Castro Alves, 2019. 1 arquivo mp3 (29 min)

CAPÍTULO 2:

METODOLOGIA DA PESQUISA- CAMINHO DAS PEDRAS³

2.1- SITUANDO A PESQUISA

A pesquisa em questão se situa nas práticas de leitura nas escolas do campo, sendo realizado em um espaço específico, sendo este o Colégio Dr. Reinaldo Barreto Rosa, situado na comunidade de Petim no município de Castro Alves-Ba. A escolha da temática surge da inquietação por diante da relevância da leitura na sociedade, como já discutido, acredita-se ser de extrema necessidade saber trabalhar a leitura dentro da Educação do Campo, de forma interdisciplinar, pois a leitura não é restrita a apenas uma matéria escolar. Portanto, dentro dos princípios da Educação do Campo qual é o papel da leitura nos espaços de ensino e de que forma está sendo trabalhada pelos educadores do campo?

O local a ser pesquisado foi escolhido pelo contato já obtido com a instituição através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência para a Diversidade- PIBID Diversidade, que possibilitou familiarização com o cotidiano escolar da rede pública de educação, proporcionando oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas e observação contribuindo à formação do docente.

Portanto, as atividades desenvolvidas proporcionaram maior interação com o meio escolar, apresentando os obstáculos que iremos enfrentar como futuros professores, além de reconhecer o aprendizado adquirido pelos alunos. Pode-se notar a importância do PIBID para os futuros professores, pois permite que os

³ A expressão foi utilizada “ [...] com um sentido jocoso, meio pelo qual se pode chegar com mais proveito a um lugar ou a um objetivo desejado, e que supostamente só é conhecido pelos mais experientes ou expertos. ” Dicionário Informal Online. São Paulo, 2014. Disponível: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/caminho+das+pedras/>> Segundo Autor desconhecido: O caminho certo que deve ser percorrido para se alcançar a vitória.

licenciandostenham um contato com a realidade escolar antes de se formarem, facilitando assim a prática escolar dos professores iniciantes. (OLIVEIRA, 2016)

Dentre os itens considerados para a escolha do problema que norteia esta pesquisa, temos: a relevância do tema por possibilitar mais estudos sobre as temáticas em questão dentro de uma realidade que ainda não há conhecimento de estudos deste tema e também a oportunidade de pesquisar um espaço já conhecido e dentro de uma realidade próxima.

Com o grande contato e convivência no ambiente escolar com Colégio Dr. Reinaldo Barreto Rosa surgiram indagações sobre a temática da leitura diante de uma escola situada no contexto rural, e como o contato com a Educação do Campo vinda através do Programa Pibid- Diversidade na escola se estimulou a pensar como a relação da leitura e Educação do Campo e mesmo a escola em questão não tendo todos os seus princípios da Educação do Campo, pois isto ainda está em construção, surgem a vontade de pesquisar sobre como é o trabalho com a leitura neste ambiente.

Baseando-se em BARROS e LEHFELD (1999 apud SILVA, 2001), esse tema é definido a partir das observações do cotidiano, na vida profissional, em programas de pesquisa, em contato e relacionamento com especialistas, no feedback de pesquisas já realizadas e em estudo da literatura especializada.

Neste capítulo pretende-se apresentar como foi pensado o caminhar desta pesquisa, pois para se chegar a um destino traçamos sempre um trajeto ao qual pensamos ser o melhor para chegarmos lá. Assim como afirma Silva (2001) “A pesquisa é um trabalho em processo não totalmente controlável ou previsível. Adotar uma metodologia significa escolher um caminho, um percurso global do espírito.”

Primeiramente classificamos a pesquisa em seus quatro itens: natureza, abordagem, objetivo e procedimento técnico, para que possa compreender melhor a pesquisa em seus aspectos técnicos. Em seguida, na seção seguinte, fala-se sobre o procedimento e como se deu a análise de dados, com o intuito de apresentar como se deu a pesquisa no seu processo para se chegar às considerações finais.

2.2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA:

Uma pesquisa pode se classificar de diferentes formas a partir dos itens que devem ser observados para que se estabeleça um tipo de pesquisa.

Do ponto de vista da sua natureza esta é uma pesquisa básica que “[...] objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. ” (SILVA, 2001), sendo uma pesquisa de finalidade básica estratégica, pois ela tem o intuito de avançar teoricamente sobre os temas aqui pesquisados, porém espera-se que este trabalho sirva de “semente” para uma pesquisa aplicada na área de Educação do Campo, principalmente no que diz respeito à educação do município de Castro Alves, sendo então destinado a aumentar a base de conhecimento científico sobre os temas.

A forma de abordagem desta investigação classifica-se como qualitativa, pois o que foi analisado não reúne dados que podem ser codificados de forma numérica, como estabelecido por uma pesquisa quantitativa. Aqui pretende-se avaliar criticamente os dados coletados tendo como finalidade compreender as atitudes, motivações e comportamentos de determinado grupo de pessoas, objetivando entender o problema do ponto de vista deste grupo em questão. É importante perceber que é um tipo de investigação que considera apenas aspectos subjetivos, porém vale observar que a partir desta pesquisa pode ser criada uma hipótese e esta pode ser testada usando-se a pesquisa quantitativa.

Ela ainda valoriza o aspecto emocional, intelectual e social do público-alvo, já que leva em consideração opiniões, sentimentos, atitudes, comentários, aprendizagens e possibilita maior contato com os pesquisados e a investigação do ambiente.

São cinco as características básicas da pesquisa qualitativa, chamada, às vezes, também de naturalística: a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. (LUDKE & ANDRÉ, 1986)

Esta investigação é de caráter descritivo, pois foi realizado um estudo teórico sobre os temas (realizado no Capítulo anterior), cabendo ao pesquisador fazer o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico, sem a manipulação ou interferência dele. Ele deve descobrir a frequência com que o

fenômeno ocorre ou como se estrutura dentro de um determinado sistema, método, processo ou realidade operacional. Ou seja, deve-se manter na postura de pesquisador/observador sem devida participação, mesmo em caso de o objeto de estudo estar próximo da realidade do mesmo, ele deve estar atento a ser apenas expectador.

O procedimento é de um estudo de caso, por tentar contribuir na compreensão de um determinado processo, ação ou fenômeno em uma instituição específica e de um tema específico dentro da mesma. É uma ferramenta utilizada para entendermos a forma e os motivos que levaram a determinada decisão. A tendência do Estudo de Caso é tentar esclarecer decisões a serem tomadas, investigando um fenômeno contemporâneo partindo do seu contexto real.

Este método é útil quando o fenômeno a ser estudado não pode ser estudado fora do contexto onde ocorre naturalmente, sendo assim não seria um estudo de “caso”, pois a intencionalidade é verificar como tal situação ocorre dentro de determinado espaço.

Obter diferentes visões teóricas acerca do assunto estudado é de extrema importância, pois serão a base para orientar as discussões sobre o que foi pesquisado determinando para uma aceitação ou não das alternativas encontradas.

A partir das posições apresentadas quanto à origem e significado do estudo de caso, destacou-se sua característica de estudar uma unidade, bem delimitada e contextualizada, com a preocupação de não analisar apenas o caso em si, como algo à parte, mas o que ele representa dentro do todo e a partir daí. (VENTURA, 2007)

Ventura (2007) reforça neste trecho a importância do estudo do contexto e não do caso isolado, pois isso faz toda a diferença na pesquisa sendo que ela deve ter um foco, pois o estudo de um fenômeno, método, ação, de forma generalizada acaba sendo não tão preciso.

2.3 PROCEDIMENTO DA PESQUISA E DA ANÁLISE DE DADOS

A coleta de dados é a etapa da pesquisa em que se coloca em prática todos os procedimentos estabelecidos anteriormente pelo projeto para se chegar ao objetivo do estudo.

A segunda fase é a coleta de dados que geralmente é feita com vários procedimentos quantitativos e qualitativos: observação,

análise de documentos, entrevista formal ou informal, história de vida, aplicação de questionário com perguntas fechadas, levantamentos de dados, análise de conteúdo etc. Há uma pluralidade de procedimentos que podem ser incorporados. (VENTURA, 2007)

A população determinada para a pesquisa foi escolhida por serem educadores do Colégio Dr. Reinaldo Barreto Rosa, independentemente da disciplina, não focando apenas nas que trabalham mais fortemente com a leitura, como Língua Portuguesa e Redação.

Para a realização da pesquisa foram escolhidos os seguintes instrumentos:

1. A observação, classificada quanto à estrutura como semiestruturada onde “o observador define algumas categorias de observação, porém mantém-se aberto à formação de novas categorias.” Ferreira et al. (2012). Quanto a participação do pesquisador, esta se define como não-participante, onde o mesmo presencia o fato apenas como expectador, isto facilita a obtenção de dados sem a produção de suspeitas nos membros do grupo que está sendo investigado. Esta observação se baseará nas práticas que forem reconhecidas durante os momentos observados que tenham a intenção do incentivo à leitura e como estão sendo empregadas. Nessa turma, observou-se práticas que envolviam a leitura dentro da sala de aula em diferentes disciplinas, obtendo o foco em se atentar para as seguintes questões: quais são essas práticas, como são trabalhadas pelo (a) professor (a) e a relação dos estudantes e essas práticas que envolvem a leitura;
2. Entrevistas com roteiros previamente estabelecidos, sendo utilizado questionários com questões abertas. As entrevistas foram realizadas com professoras da instituição utilizando-se o questionário 1, presente no apêndice A e o questionário 2 (APÊNDICE B) foi utilizado com a coordenadora da escola. Após adquirir os dados é importante realizar a sua análise, pois sem ela é impossível avançar com a pesquisa.

A terceira fase é conjunta, representada pela seleção, análise e interpretação dos dados. A seleção dos dados deve considerar os objetivos da investigação, seus limites e um sistema de referências para avaliar quais dados serão úteis ou não. Somente aqueles selecionados deverão ser analisados, O pesquisador deve definir

antecipadamente seu plano de análise e considerar as limitações dos dados obtidos, sobretudo no referente à qualidade da amostra, pois se a amostra é boa, há uma base racional para fazer generalizações a partir dos dados. (VENTURA, 2007)

Segundo André e Lüdke (1986), “Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos das observações, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis. ” Isso significa comparar o que foi adquirido na pesquisa com os conceitos desenvolvidos na etapa teórica da investigação, argumentando a respeito dos dados que surgem na pesquisa. Cabe ressaltar que uma pesquisa nunca é categórica, bem como deve sempre considerar todos os pontos de vista possíveis dentro da área de estudo.

André e Lüdke (1986) reforçam que esse exame está presente em vários estágios da investigação, pois desde o projeto de pesquisa já é feita a escolha de uma metodologia de análise, ela se torna mais sistemática e mais formal após o encerramento da coleta de dados, pois segue aqueles passos determinados anteriormente.

O primeiro passo realizado para essa análise foi a leitura completa do corpus de análise, no caso as transcrições das entrevistas, os dados dos questionários e o diário de observações. Depois de feito é necessária uma categorização dos dados da pesquisa, pois ajudam a organizar, separar, unir, classificar e validar as respostas encontradas pelos instrumentos de coleta de dados.

No entanto, como alertam André e Lüdke (1986):

A categorização, por si mesma, não esgota a análise. É preciso que o pesquisador vá além, ultrapasse a mera descrição, buscando realmente acrescentar algo à discussão já existente sobre o assunto focalizado. Para isso ele terá que fazer um esforço de abstração, ultrapassando os dados, tentando estabelecer conexões e relações que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações (p.49).

Em seguida, com os dados organizados pode-se realizar a discussão do que foi adquirido com os conceitos anteriormente estudados, mas que podem ser retomados ou até mesmo complementados com novos estudos.

CAPÍTULO 3:

. AS PRÁTICAS DE LEITURA

NO COLÉGIO DR. REINALDO BARRETO ROSA

3.1 OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DAS PRÁTICAS

As observações se deram nas aulas da turma de 9º ano do Ensino Fundamental- Anos Finais do turno matutino do Colégio Dr. Reinaldo Barreto Rosa. Nessa turma, assistiu-se a práticas que envolviam a leitura dentro da sala de aula em diferentes disciplinas, atentando-se para as seguintes questões: quais são essas práticas, como são trabalhadas pelo (a) professor (a) e a relação dos estudantes e as atividades que envolvem a leitura;

Em muitas das disciplinas, os professores se utilizam do livro didático nas aulas e realizam leituras em sala de aula com os estudantes. Os textos dentro destes livros variam de gênero, pois o livro didático tem o que Costa (2010) baseada em Marcuschi (2003) chama de “reversibilidade de função”, referindo-se a sua funcionalidade poder ser múltipla, contendo uma diversidade de gêneros textuais em sua composição (cartas, poesias, trechos de jornais, charges) capacitando assim ter uma versatilidade no trabalho com diferentes espécies de textos, porém não anulando a afirmação que ele seja um suporte textual.

Eram realizadas, diversas vezes, a chamada de leitura compartilhada, onde os estudantes vão se alternando para ler os parágrafos do texto. Em alguns casos, os professores vão ao longo da leitura fazendo pausas para comentar ou questionar aos alunos sobre o que está sendo lido, isso com o intuito de se realizar uma interpretação do texto trabalhado. Comentar sobre o que leu ou ouviu ajuda a atribuir sentido ao texto. Em muitos momentos também se utiliza da solicitação de uma leitura silenciosa anterior a esta, onde os estudantes já ganham o conhecimento do texto para sua leitura em grupo.

Para alguns estudantes com mais dificuldade na leitura, a professora dá certa

atenção e auxilia nas dúvidas que surgem com as palavras. Muitos estudantes têm dificuldades por não terem conhecimentos básicos de séries anteriores, principalmente em relação à leitura. Por conta dessa dificuldade, alguns acabam se recusando a ler na sala de aula, demonstrando muitas vezes um constrangimento. Durante aulas em que a professora chama os estudantes para uma reflexão, muitos permanecem atentos a fala da professora, mas não se posicionam até mesmo quando provocados por ela.

A instituição trabalha com um Projeto de Leitura, realizado anualmente, onde é escolhido um tema no início do ano letivo e este é trabalhado ao longo do ano em atividades da disciplina de Língua Portuguesa e ao final é realizada uma culminância do projeto, onde os estudantes apresentam um resumo do que foi construído para o projeto através de apresentações para a comunidade escolar. Os critérios para a escolha do tema vão de acordo com necessidades encontradas nas disciplinas.

- Projetos Interdisciplinares, tematizando as estratégias educacionais elaborados a partir de necessidades diagnosticadas, visando um maior desempenho por parte dos envolvidos para se chegar a um resultado positivo o mais rápido possível. A escola realiza e participa de projetos que envolvem o conjunto dos segmentos e que têm tido participação ativa de comunidade escolar, sendo eles:

- Projeto de Leitura: Realizado anualmente, procurando atender aos alunos que apresentam dificuldade na leitura, escrita, bem como interpretação de textos. (COLÉGIO MUNICIPAL DR. REINALDO BARRETO ROSA, 2015)

Durante as atividades destinadas ao Projeto de Leitura, é notável maior envolvimento dos alunos, até mesmos daqueles que são menos interativos nas aulas, costumam ser atividades diferenciadas e com a intencionalidade de expor para a comunidade escolar, tanto através de murais e cartazes nas paredes da escola, quanto com apresentações ao final do ano letivo.

Brakling (2004) classifica os projetos de leitura como uma forma de organizar o trabalho que prevê a elaboração de um produto final voltado, necessariamente, para um público externo à sala de aula, onde as demais modalidades costumam estar articuladas dentro dele. Sendo exatamente isso que acontece no Dr. Reinaldo Barreto Rosa, são geradas diferentes atividades como produções textuais, leituras

de obras literárias, pesquisa sobre autores e ao final é organizado produção conjunta da turma para exposição.

Nas aulas, alguns professores tentam voltar o assunto para a realidade dos alunos, variando conforme a prática de cada professor, porém nenhum tem formação específica em Educação do Campo, destacando-se as discussões realizadas sobre a temática. O currículo apresenta alguns conteúdos culturais da comunidade escolar e dos patrimônios da comunidade que são trabalhados em sala de aula, assim como festas religiosas da comunidade, que são respeitadas pelo calendário escolar, possibilitando esse diálogo com a cultura local, não só do município, mas da comunidade em si.

Os livros didáticos utilizados para as aulas não são específicos para a realidade dos estudantes, seguem padrão dos livros do PNDE, assim como a Coordenadora Maely, da Secretaria de Educação explicou, como apresentado no capítulo anterior. Isso dificulta a interação entre autor e leitor, pois quando o texto não tem relação com o contexto dos estudantes acaba afastando o sujeito da leitura e ele também não vê esse texto como uma leitura prazerosa.

3.2 REFLEXÕES A PARTIR DAS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES E GESTORES

Segundo a coordenadora, ao falar sobre a leitura na escola pesquisada: “Chega muito aluno sem ler, e como chega”. Ela completa dizendo que: “Um número que às vezes angustia, mas a gente não dá conta. ”, referindo-se ao número de estudantes que chegam sem domínio da leitura.

Ao ser questionada sobre como a escola tem lidado com a situação, ela afirma que a escola tem o projeto de implantação de uma biblioteca já a algum tempo, porém existem muitas dificuldades para isso se concretizar, sendo o principal deles o espaço físico, pois em um dos turnos a escola falta espaço até mesmo para sala de aula, necessitando improvisos, com outros espaços. Por isso: “Os professores criam o espaço de leitura dentro da sala de aula”.

Tem o projeto anual de leitura que tem como tema Leitura em Todas as áreas do conhecimento- caminho para formação do aluno leitor, aí a gente procura trabalhar a leitura e escrita durante o ano. E tem o projeto literário que ocorre em um momento que é a culminância do

projeto. (COORDENADORA DA ESCOLA PESQUISADA)

A gente tem um problema com espaço físico da escola, mas esperamos que a gente ganhe esse espaço de uma biblioteca. (COORDENADORA DA ESCOLA PESQUISADA)

Sobre a relevância das bibliotecas e espaços de leitura, uma pesquisa apresentada pelo livro “Retratos da Leitura no Brasil”⁴ apresenta a relação das bibliotecas com o ato de ler, demonstrando a importância das mesmas ao acesso à leitura, pois podemos pensar que a grande parte destes estudantes só tem acesso aos livros didáticos da escola.

[...] verificamos a importância das bibliotecas públicas e escolares como forma de acesso aos livros. Ao serem isoladas, o impacto das bibliotecas escolares é muito maior na comparação desses resultados, confirmando a importância desse equipamento procurado, para as atividades de pesquisa e estudo, especialmente na faixa de 11 a 13 anos, e, em escolas públicas. (AMORIM, 2008 págs. 99 e 101.)

Porém devemos pensar que não basta apenas este espaço físico, pois ele pode acabar se tornando apenas mais uma sala da escola em que os estudantes não têm acesso por conta de receio por parte dos gestores, por conta da organização dos livros ou da sala, se tornando um espaço apenas de “decoração” da escola. Ou então uma sala de depósito de livro que vive fechada e desorganizada e que ainda serve para guardar outros objetos que não fazem parte de uma biblioteca comum.

A experiência de quem lida com o assunto mostra que a maioria absoluta [das bibliotecas] são simples depósitos de livros velhos, há anos não adquirem acervos novos, não estão informatizadas e o pessoal é pouco ou nada capacitado – nem como bibliotecários nem como mediadores de leitura – para um atendimento correto do conjunto da população (AMORIM, 2008 pág 121 e 122.)

O município de Castro Alves disponibiliza de uma Biblioteca pública municipal que se localiza na sede do município e por conta exatamente desta localização os estudantes que moram e estudam no campo não tem acesso a este acervo com

⁴AMORIM, Galeno. (Org.) **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

facilidade.

Em seu Projeto Político Pedagógico, a escola destaca como uma falha na estrutura o fato de não possuir uma Biblioteca ou Sala de leitura e traça um plano de ação para a solução com o intuito de adquirir e ampliar o acervo bibliográfico da instituição de ensino, implantando um projeto(s) de uma biblioteca ou sala de leitura na escola e aquisição de alguns materiais.

Ficamos com mais um desafio. Não basta reformar bibliotecas, ampliar estantes, atualizar e ampliar acervos, contratar bibliotecários. Será preciso transformar essas bibliotecas em centros culturais e oferecer atividades e atendimento que transformem em bem cultural vivo. (AMORIM, 2008, pág 107)

Então mais do que este espaço físico deve-se pensar como funcionará a biblioteca, incentivar os professores a realizar atividade que utilizem este espaço e provoquem os estudantes a se utilizar dele como um ambiente para além apenas da pesquisa bibliográfica, mas também um espaço de lazer se utilizando seu acervo. E também para que tenham um sentimento de pertencimento daquele espaço para que possam perceber sua importância e assim não será necessário o freio dado pelos organizadores com o medo daquele espaço se tornar bagunçado. Percebendo que se o ambiente está revolvido é exatamente pelo fato de ser utilizado.

“Mas a concepção da biblioteca como um instrumento democrático de difusão do conhecimento, acesso à informação e lazer, ainda é muito frágil. Em consequência, existe pouca pressão social para que sejam construídas, equipadas e atualizadas.” Amorim (2008) diz isso pelo fato da biblioteca ainda funcionar como um espaço só de pesquisa, não que isso seja ruim, já é um grande avanço na formação de leitores, porém a leitura ainda é feita apenas como uma obrigação.

[...] compreensão portanto da relação entre “leitura” do mundo e leitura da palavra, a biblioteca popular, como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto. Daí a necessidade que tem uma biblioteca popular centrada nesta linha se estimular a criação de horas de trabalho em grupo, em que se façam verdadeiros seminários de leitura, ora buscando o adentramento crítico no texto, procurando apreender a sua significação mais profunda, ora propondo aos leitores uma experiência estética, de que a linguagem popular é intensamente rica. (FREIRE, 1989 págs 32 e 33)

A professora diz que dificilmente quando se solicita para os estudantes lerem um texto em casa eles realizam a leitura. Atividades de interpretação de texto, poucos se atentam a realmente interpretar e buscam uma resposta pronta para atividade, demonstrando falta de interesse pela leitura por parte dos estudantes. Sobre os estudantes e a relação deles com a leitura, a professora entrevistada 1 cita que: “Eles não têm interesse em ler, atividade que pede para fazer em casa muitas vezes eles não fazem.” A entrevistada 3 concorda ao afirmar que: “Eles não têm interesse em ler, atividade que pede para fazer em casa muitas vezes eles não fazem.”

Ao serem questionadas sobre o porquê dessa falta de interesse, alegam que é a falta de acompanhamento dos pais. Em relação a esse assunto, é comum entre os professores a opinião que é deficiente este aspecto, pois poucos pais e familiares realizam o devido acompanhamento das atividades e até mesmo raramente se apresentam na escola, inclusive quando solicitados. Mas acontece de alguns pais e/ou responsáveis realizarem um acompanhamento que auxilia no aprendizado do estudante e no incentivo pela leitura, notando-se assim uma diferença quanto a esse ato.

Tem aluno que não tem o incentivo do pai, os pais não têm leitura, mas têm pais que não têm estudo e incentivam, mas são poucos.
(PROFESSORA ENTREVISTADA 2)

Alguns pais incentivam, mas não de uma forma que realmente provoque a vontade neles em ler, por que os próprios pais não leem.
(PROFESSORA ENTREVISTADA 3)

A questão que se apresenta a partir de então é: como despertar o interesse dos estudantes para essa atividade? Isso vem sendo feito de forma eficiente? Sobre isso, Amorim (2008) traz que:

Como despertar esse interesse? Os educadores concordam com algumas teses: o mundo da leitura deve ser apresentado contextualizado em um ambiente cultural que possa interessar ao jovem. Deve-se apresentar uma diversidade de gêneros e a possibilidade de escolher o que lhe atrai mais e lhes dá prazer. Devem ser facilitadas as suas escolhas. A ligação entre a escrita e a leitura pode ser um caminho interessante. Conforme demonstrado na pesquisa, ele diz que gosta mais de escrever do que de ler. Podem ser propostos exercícios de escrita que lhe permitam descobrir o prazer de contar ou criar uma história e, com isso, levá-lo a descobrir em outros autores os seus segredos para escrever. (AMORIM,

2008,pág 106)

Sobre as estratégias utilizadas para desenvolver o interesse dos estudantes, a professora entrevistada 2 diz que: “Eu trabalho com o livro didático e escolho o texto dentro do assunto que vou dar no dia” e a professora entrevistada 1 fala que:

:

Dentro da minha disciplina, eu trago textos para eles lerem os pedacinhos, para eu ver a leitura e a interpretação deles. Assim estou ajudando a professora de português, desde quando a gente incentiva a leitura em qualquer disciplina é válido. Eu escolho mais textos literários, histórias infantis e também uso o livro didático.(PROFESSORA ENTREVISTADA 1)

Observa-se, então, que estes recursos utilizados não estão favorecendo a leitura com os estudantes. Sabe-se que segundo uma perspectiva bahktiniana, a aquisição da linguagem é vista como produto da atividade social, ou seja, a internalização do discurso exterior para discurso interior não é uma faculdade inata, mas é um processo obtido por meio de interações com o meio em que se vive, pois o homem constrói a si mesmo na presença do outro. (BAKTHIN,2003). Por isso que ler é um processo de apropriação do conhecimento e da realidade externa, pois o leitor tem que ser um ator ativo no processo de atribuição de sentido do que se lê. As atividades e textos de leitura que não dialogam com a realidade de sujeitos do campo, como as que são utilizadas no colégio pesquisado, não propiciam que os leitores sejam ativos no momento da leitura, devem dialogar com o texto, já que as atividadesfeitas não levam em conta as experiências e os conhecimentos do leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possibilitou um grande uma compreensão maior sobre os temas em questão e o conhecimento mais aprofundado exatamente sobre as práticas aplicadas em sala de aula pelos professores do colégio pesquisado, no sentido de entender como eles buscam incentivar a leitura aos seus estudantes por conhecerem sua importância para o avanço pessoal.

Foi possível, ao analisarmos as atividades de leitura realizadas na escola e a relação existente entre os estudantes, que as atividades e materiais didáticos para se trabalhar a leitura não estão favorecendo o interesse deles, porque são textos e materiais que não dialogam com sua realidade de sujeito do campo. A maioria das professoras entrevistadas alega utilizar mais os livros didáticos e nestes livros quase não existe uma preocupação de apresentar atividades sobre o modo de vida dos sujeitos que vivem no campo.

Percebe-se, então, a necessidade de que a temática sobre a Educação do Campo seja expandida para os espaços de direito, ou seja, onde estão inseridos os sujeitos condizentes com esta realidade, sendo essencial com isso um processo de desconstrução do que está posto, que não condiz com suas realidades, resultando em diversos problemas que são repercutidos e discutidos na sociedade e principalmente pelos movimentos sociais. Acredita-se que no ambiente pesquisado, Colégio Dr. Reinaldo Barreto Rosa, já foi iniciado, ainda que timidamente, este processo por meio das discussões já realizadas que surgiram com a relação da universidade através de projetos e programas, entre eles, destaca-se o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência para a Diversidade (Pibid-Diversidade) que trouxe estudantes de Educação do Campo e conseqüentemente este diálogo sobre temáticas voltadas à contextualização, valorização do campo e dos sujeitos que constituem este espaço.

O Colégio Dr. Reinaldo Barreto Rosa permitiu reflexões e aprendizagens sobre práticas que podem incentivar a leitura aos estudantes, reconhecendo a realidade da escola que como uma instituição de ensino pública e de comunidade rural, diante de muitas dificuldades busca realizar o melhor trabalho possível para os seus estudantes. E abraça mesmo com dificuldades em sua estrutura física, projetos, pesquisas, programas e tudo que venha a somar forças para melhorar o

ensino.

Portanto, os alunos devem ser incentivados e convidados a ler, a produzir e a refletir sobre textos que circulem em diferentes esferas, mas não somente durante as aulas de língua portuguesa, mas a interpretação de diferentes textos, imagens, filmes. Orientar que se disponham a visitar o ambiente da biblioteca escolar, até mesmo em horários contrários ao seu turno de aulas, pois possibilitará o fácil acesso a um acervo com vários subsídios, favorece a prática leitora e a aquisição de conhecimentos.

Logo a contextualização também deve estar presente neste processo, pois ela possibilita uma compreensão do que é exposto para ele a partir do que é também vivenciado e impacta positivamente sobre a valorização destes sujeitos, pois o aproxima daquilo que forma aquele espaço rico em cultura e diversidade, trazendo o sentimento de pertencimento deste local.

O incentivo para que os estudantes exponham suas opiniões sobre o que veem ou leem auxilia para o aprendizado da interpretação, pois quando ouve outros comentários sobre o mesmo texto, passa a analisar diferentes pontos de vista e revê os seus. Podendo chamar atenção também para como ele chegou àquela conclusão issoajuda-o a buscar sentido, a entender melhor o conteúdo e a ampliar sua própria interpretação sobre aquele texto e sobre outras leituras.

Portanto a preocupação dos professores deve ser para além da codificação, ler fluentemente significa compreender o que se lê e mais ainda. A leitura de um texto requer conhecimento de seu propósito por parte dos alunos, já que fluência também tem a ver com a intenção da leitura: para que ler, quais estratégias poderão ser utilizadas e o que se espera ao final. E é importante expor aos alunos esses propósitos em cada atividade, mostra-lhes o objetivo daquilo para não parece só mais um texto, mais uma atividade sem propósito, pois mesmo que o professor tenha um bom planejamento com objetivo, metodologia bem detalhada, os estudantes muitas vezes se veem perdidos neste processo, necessitando que sejam protagonistas dentro da sala de aula.

Espera-se que a pesquisagere colaborações com os estudos relacionados à leitura e Educação do Campo, promovendo impactos positivos para todos os envolvidos.Saliento que os estudos e pesquisas que foramrealizadas influenciaram na formação da estudante/pesquisadora, tanto em relação à metodologia de pesquisa científica, quanto à formação no que diz respeito às aprendizagens

relacionadas com as práticas, e também pelos estudos sobre os temas, resultando em importantes aprendizagens.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, et al. **Leitura e Escrita na sociedade**. Várzea Grande, MG. 9 nov. 2012 Disponível em: [<file:///C:/Users/aluno/Desktop/TCC/Sociedade%20Grafoc%C3%AAAntrica.html>](file:///C:/Users/aluno/Desktop/TCC/Sociedade%20Grafoc%C3%AAAntrica.html) Acesso em 29 set. 2018.

AMORIM, Galeno. (Org.) **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial : Instituto Pró-livro, 2008.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Políticas de formação de educadores (as) do campo. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 157- 176, maio/ago.2007.

BARROS, Marta Daniely. **Práticas de leitura e escrita na Educação do Campo**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização Fundamentos da Educação) Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB,2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética Da Criação Verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.478 p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, número 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação. **Programa Nacional do Livro Didático - PNLD Campo**. Disponível em: [<http://portal.mec.gov.br/par/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/18721-programa-nacional-do-livro-didatico-pnld-campo>](http://portal.mec.gov.br/par/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/18721-programa-nacional-do-livro-didatico-pnld-campo) Acesso em: 11 de jun 2019.

BRACKLING, Kátia Lomba. **Sobre a leitura e a formação de leitores**. São Paulo: SEE: Fundação Vanzolini, 2004. Texto parcialmente publicado no portal www.educarede.org.br

BUENO, Leticia de Aguiar; Nogueira, Gabriela Medeiros. **Práticas de leitura e escrita de crianças residentes no campo**: considerações acerca do contexto familiar e escolar. X ANPED SUL. Florianópolis, out. de 2014.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. In: _____; R. S. PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G (Orgs.). **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CNE. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.** Resolução n. 1, de 3 de abril de 2002, Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação.

COLÉGIO MUNICIPAL DR. REINALDO BARRETO ROSA. **Projeto Político Pedagógico.** Castro Alves Bahia, 2015.

COSTA, Vânia Aparecida. **Práticas de leitura em uma sala de aula da Escola do Assentamento: Educação do Campo em construção. Tese (Pós-Graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social)** Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

Documento Final da II Conferência Nacional de Educação do Campo. Luziânia, 2004.

FERREIRA, Luciene Braz; TORRECILHA, Nara; MACHADO, Samara Haddad Simões. **A técnica de observação em estudos de administração.** XXXVI ENANPAD, Rio de Janeiro, 2012

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e estatística.** Castro Alves/ BA, 2018 .Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/castro-alves/panorama>>. Acesso em 22 maio de 2019

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura – teoria e prática.** 15 ed, Campinas, SP, Pontes editores, 2013.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

_____; _____. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p. Resenhado por Marilda A. Marfan Em Aberto, Brasília, ano 5, n. 3 1, jul./set. 1986

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** 9 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

OLIVEIRA, Paloma Jesus de. **RELATÓRIO FINAL DAS ATIVIDADES NO PIBID-DIVERSIDADE-ANOS 2014/2015/2016.** Castro Alves. 2016

ORRICO, Nanci Rodrigues. **Da leitura de si para a leitura em si: narrativas e práticas leitoras de professores de classes multisseriadas do município de Amargosa -BA.** Dissertação (Pós- Graduação em Educação e Contemporaneidade) Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.

____e FREITAS, Gilsélia Macedo Cardoso. **As professoras de classes multisseriadas, suas histórias de vida e práticas de leitura: formando leitores**

para além da decodificação de palavras. In: Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 22., 2014, Natal- RN. Artigos. 2014

PIRES, Angela Maria, **A Educação como direito a uma escola pública de qualidade.** 2009. Disponível em: http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2009/38.pdf. Acesso em 14 de mar. De 2017.

QUEIROZ, João Batista Pereira. A educação do campo no Brasil e a construção das escolas do campo. **Revista Nera** – ano 14, nº. 18 – janeiro/junho de 2011.

RIBEIRO, Marlene. Educação Rural. In: **Dicionário da Educação do Campo.** Caldart, Roseli Saete; Pereira, Isabel Brasil; Alentejano, Paulo; Frigotto. Gaudêncio (Org.). Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SANTOS, Maely. **Entrevista I.** [jun. 2019.] Entrevistadora: Paloma Jesus de Oliveira. Castro Alves, 2019. 1 arquivo mp3 (29 min)

SILVA, Edna Lúcia da; Menezes, EsteraMuszkat. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. 3. ed.**rev. Atual.** Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

VIEIRA, Edilaine Aparecida. **Livros didáticos para as escolas do campo: conhecendo o PNLD campo** Disponível em: <<https://docplayer.com.br/47058250-Livros-didaticos-para-as-escolas-do-campo-conhecendo-o-pnld-campo.html>> Acesso em 11 de jun 2019.

VENTURA, Magda Maria. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. **Rev SOCERJ.** Rio de Janeiro, 2007

APÊNDICES

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS AGRÁRIAS

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DO COLÉGIO DR. REINALDO BARRETO ROSA PARA PESQUISA PARA O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO INTITULADO COMO “AS PRÁTICAS DE LEITURA NAS ESCOLAS DO CAMPO, UM OLHAR PARA O COLÉGIO DR. REINALDO BARRETO ROSA, COMUNIDADE DE PETIM, CASTRO ALVES/BA” ESCRITO POR PALOMA JESUS DE OLIVEIRA

1. Quais são as práticas que você utiliza que em sua opinião colabora para o incentivo à leitura?
2. Em geral como os estudantes do colégio se posicionam em relação à leitura?
3. Quais os critérios para a escolha dos textos?
4. Quais as principais dificuldades na formação de leitores críticos?
5. Nota-se diferença na leitura dos estudantes quando há o acompanhamento dos pais?

APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS AGRÁRIAS

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA COM A COORDENADORA DO COLÉGIO DR. REINALDO BARRETO ROSA PARA PESQUISA PARA O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO INTITULADO COMO “AS PRÁTICAS DE LEITURA NAS ESCOLAS DO CAMPO, UM OLHAR PARA O COLÉGIO DR. REINALDO BARRETO ROSA, COMUNIDADE DE PETIM, CASTRO ALVES/BA” ESCRITO POR PALOMA JESUS DE OLIVEIRA

1. O que se têm pensado em relação um espaço de leitura/biblioteca/sala no colégio?
2. Quais projetos são realizados na escola com o intuito de estimular o ato de ler?
3. Acontece de os estudantes chegarem ao colégio sem o domínio da leitura? E se sim, como a escola trabalha com isso?